

REDACÇÃO PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
Officinas de impressão — R. da Atalaia, 154
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
End. telegr.: Talha — Lisboa — Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A CRISE NACIONAL:

de consciências
de caracteres.

Ficaria possuído de inextinguível assombro o observador probo que, chegado ao nosso país dum outro onde a doblés, o canalismo, a inconsciência, a venalidade se não patenteassem com a desconcertante frequência que entre nós se verifica, se metesse a estudar-nos os costumes, a escarpelizar-nos as tendências, a dissecar-nos o carácter. Ficaria pasmado. Nós, os que por cá temos vivido, a aprender na observação cotidiana a que pontos pôde chegar a degenerescência moral ou mental duma certa categoria de indivíduos, já quasi não podemos admirar-nos. Mas, ainda assim, de quando em quando nos brota espontaneamente dos lábios a exclamação de pasmo que este desenrolar de fita burlesca que é a vida política portuguesa não devia já provocar em nós. É que, quanto mais avançam os tempos, parece que concomitantemente mais alastra e se aprofunda a decomposição, a gangrena moral que tomou posse da nossa sociedade, e para a qual se não visionam limites.

O que nos últimos tempos se tem passado em volta de Sidónio Pais e do sidonismo é de molde a exemplificar com suficiência o triste fenómeno de que tratamos. Lembra-se ainda todos o ambiente que reinava em Portugal quando Sidónio Pais conseguiu fazer triunfar um movimento insurreccional nos primeiros dias de Dezembro de 1917. Mais que os tiros de canhão disparados da Rotunda, mais que a acção dos regimentos revoltados, contribuiu para esse triunfo o tédio, o descontentamento profundo que uma infundável série de governos afonistas, com os seus processos demais conhecidos, os seus escândalos, as suas tiranias, estabelecera já na população. Caiu bem, quer dizer, chegou em boa hora o movimento de Sidónio Pais. Muitos viram nele uma certeza de redenção, e até mesmo os que, por a muitas metamorfoses políticas terem assistido, não creem já na sua eficácia, deixaram ampliar a arca do peito num suspiro de alívio e satisfação. Sabe-se o que ocorreu posteriormente. A vinda de Sidónio Pais correspondeu efectivamente a uma transformação na política portuguesa, que não ficou melhor nem pior, mas apenas dum género diferente. Procurou-se inutilizar os rivais, procurou-se apoio entre as correntes conservadoras, a reacção governativa não diminuiu de nenhum modo, a incapacidade, a corrupção, aumentaram talvez. Mas levar-nos hia muito longe a análise retrospectiva desse período já terminado, e é outro o caso de que propuzemos occupar-nos.

Sidónio Pais não pôde dizer-se que estivesse em demasia popularizado no nosso meio antes de escalar, a ferro e fogo, a cadeira presidencial. Sabia-se dele que era ministro em Berlim, que era unionista, que era militar. Quanto a provas da sua competência governativa, talvez porque ele se tivesse esquecido de prestá-las, não se sabia nada. Pois pôe-se à frente do país, sem um programa definido, sem um plano de trabalhos, a dar-lhe sucessivamente no cravo e na ferradura, abolindo por exemplo a censura à imprensa para logo a restabelecer mais draconiana ainda; deixando insolvidos, senão mais complicados, os problemas com que topou, sem uma orientação clara que lhe caracterizasse o consulado, não permitindo calcular-se o que faria pelo destrambelhado e desconexo do que fazia; só sistematicamente ao ataque ao partido que o antecederia no predomínio, na protecção aos monarchistas que lhe haviam de constituir a comitiva, na fúria

de manter o país em tranquilidade, sossegado como Varsóvia, sossegado como burro, uma balança ameaçadora apontada a cada peito — pôe-se à frente do país Sidónio Pais e logo cria, o quasi desconhecido da véspera, uma multidão de adeptos a aplaudi-lo, a incensá-lo, a votar nele ou em quem ele entendesse, dedicados, fieis, seguros, para a vida e para a morte. Formou-se o sidonismo. Em que consistia ele? Um programa político, uma orientação governativa, uma aspiração? Não sabemos, nem importa muito sabê-lo. O certo é que o sidonismo desabrochou, floriu, prosperou... E uma bela noite, imprevisivelmente, uma bala pôe termo à vida de Sidónio Pais. Venderam-se as rimas tecidas lutosas, exgotou-se o stok de gravatas negras; a população chorava visivelmente e diante do catafalco onde o cadáver descansava, já obeso pela imperícia do embalsamamento, algumas dezenas de pessoas desmaiaram muito a sério, de comoção, parece que sem receberem nada para isso — ou porque a atmosfera do local estivesse propícia a deliquios ou por que aos dos faniquitos tivesse feito mal a tarraxada de sopa «à 5 de Dezembro» que porventura tivessem ingerido antes.

Passam-se porém os dias, sucedem-se as semanas, decorrem os meses, os ventos mudam; e o sidonismo, corpo de doutrinas ou senha de passe para gulosos, o sidonismo que tão arregado parecia estar na alma de tanto desalmado que aí barafustou as suas convicções... estomacais, eis se esboroa e desmanteia, eis se dissolve e atola no pântano abjecto que é o descarácter nacional, na chafurdreira ignóbil que se mostra, vista sob certos aspectos, a sociedade em que vivemos. Que é feito pois daqueles que tanto se evidenciaram no culto ao morto, e na intolerância com que o defenderam? Se o sidonismo tinha em si um programa, se ele representava uma aspiração, se ele era uma obra a realizar, onde param os tantos que a queriam ver realizada a todo o transe? Se ele fôsse mesmo uma obra levada a efeito, um monumento erguido onde param os constructores que não defendem a sua criação, onde tem assento essa própria criação, do qual nem ruínas se lobrigam já? Tratasse-se, ainda de culto pessoal, dum caso singular de idolatria, duma estranha adoração de hísticos onde se meteram estes, se era sincera a sua fé, agora que se vai apagar com nova reviravolta política, a memória de Sidónio Pais?

Sabemo-lo demais. Ou a obra da situação anterior não pudesse sintetizar-se a rigor numa distribuição de sopas — sopas magras para a miséria dos farrapos, sopas gordas para a miséria dos caracteres. Sidónio Pais não pôde já distribuir postas, prodigalizar sinecuras, espalhar prebendas; e como que os legumes da sua sopa não cheirem aos sôfregos camaleões, não será difícil encontrá-los, agora que as eleições estão para breve, à porta de comedoiros onde a gamela mais farta se mostre e mais baixa esteja.

Difusão e propagação «A Batalha».
Ela é o teu jornal e tem de viver do teu esforço.

Operários da Manutenção Militar

Acôrca da notícia que publicámos no nosso número de ontem, sobre um officio, recebido nesta redacção, da Associação das Classes Mistas da Manutenção Militar, recebemos da comissão a que a mesma notícia se referia, uma carta, da qual transcrevemos o seguinte:

«A comissão que se avistou com o ministro das finanças e com o chefe do gabinete do ministério da guerra, não se disse delegada do pessoal da mesma Manutenção».

NOTAS & COMENTÁRIOS

O serviço dos telefones

Foi em vão que bradamos aos quatro ventos da opinião pública, no nosso primeiro número, a indignação de que estamos possuídos contra o péssimo serviço da Companhia dos Telefones. E quasi decorrida, uma semana, e ainda esta não se dignou ao menos, dar-nos uma explicação.

Continuamos sem telefone, e sem probabilidades de possuímos tão útil quanto indispensável aparelho, dentro de um curto prazo de tempo, o que tem prejudicado extraordinariamente o nosso serviço de informação.

Protestamos hoje novamente, ainda que com a antecipada convicção de que as nossas palavras resultarão inúteis, contra o extraordinário e inqualificável procedimento que essa companhia está adoptando, que tanto nos lesa no nosso interesse, prejudicando também os nossos leitores.

Colaboradores

Desde o dia em que «A Batalha» veio à luz, tem tombado sobre a nossa mesa de trabalho tamanha quantidade de colaboração que não poderia o nosso jornal comportá-la, fosse ele mesmo quatro vezes maior do que realmente é. Do bom e do mau cá tem vindo parar, claro está; e a pouco e pouco, ao que puder ser, iremos dando publicidade. Mas vem a propósito dar parte aos leitores dum escrito, breve mas substancial, que ontem nos chegou às mãos. Apreciamos-lo como o melhor dos editoriais. Dizia assim:

«Junto remeto a importância relativa a uma obrigação de «A Batalha» que peço me passem. Envio também a quantia correspondente a uma assinatura».

O autor terminava o seu escrito assinando-o e indicando a morada. E nós aconselhamos a muitos dos nossos colaboradores este género literário, do nosso maior agrado...

Um caso edificante

O soldado Júlio Augusto encontrava-se, à data do movimento monarchico de Lisboa, preso em Mafra sendo acusado de deserção. Como a situação era então bastante critica, as autoridades militares resolveram libertá-lo, marchando junto das colunas que então convergiam para Lisboa, em defesa da República. Bateu-se na serra de Monsanto, jogando a vida com decisão e depois marchou para o Norte, onde, durante algumas semanas, continuou pugnando pela manutenção do regime.

Até aqui, tudo decorria dentro dos domínios da lógica e do bom senso. O caso extraordinário, porém — desses casos que só florescem, com uma exuberância verdadeiramente meridional, neste jardim da Europa, à beira-mar plantado — é que, à volta, apontando-lhe novamente o Código Militar, recompensaram-no pelos seus feitos... metendo-o novamente na cadeia.

E este um caso verdadeiramente edificante, definidor da baixa psicologia dos prestidigitadores da politica, que para todos apela nos momentos criticos, e que todos agravam quando se julgam bem firmados no dorso que o povo, eterna criança, lhes oferece docilmente.

Saudação a «A Batalha»
Esteve na nossa redacção um numeroso grupo de operários alfaiates, que, acompanhando a comissão nomeada em assembleia geral, composta dos camaradas Anibal Silva, António Canipelo e César Franco, vieram saudar entusiasticamente «A Batalha», fazendo votos pelo seu engrandecimento.

Agradecemos comovidamente essa manifestação de simpatia, que mais nos vem animar no nosso ardente desejo de tornar «A Batalha» num inextinguível baluarte de todos os oprimidos.

Os amigos de «A Batalha»

Abatimento de 6 oje aos leitores deste jornal

O sr. J. Ferreira, proprietário da Louçã Moderna, ao Povo Novo, comunicou-nos que fará um abatimento de 6 %, a todos os leitores de «A Batalha», desde que estes apresentem o último número, revertendo 3 %, a favor do nosso jornal e o restante em benefício do comprador.

Registamos com prazer esta oferta, que bem demonstra o excelente acolhimento que o nosso jornal tem tido.

Uma velada social a favor do nosso diário

O Grupo Dramático e Musical Solidária da Construção Civil, na sua última reunião, resolveu promover uma velada social no dia 13 de Abril, revertendo o seu produto em benefício do jornal operário «A Batalha».

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Grupo e na administração deste jornal.

Que este belo exemplo seja imitado por todos os grupos similares e o que será para desejar.

Marinha brasileira

E' esperada no Tejo, no dia 1 de Março próximo, uma esquadra da marinha brasileira.

A AGITAÇÃO EM ESPANHA

Agrava-se a situação em Barcelona

MADRID, 27. — Notícias oficiais de Barcelona confirmam que se agravou ali a situação em consequência das greves. A cidade está sem gás, sem agua e sem electricidade. As ruas estão completamente escuras e os soldados substituíram os gravisistas nalgumas fabricas.

As autoridades requisitaram reforços militares, que o governo vae enviar. Particularmente sabe-se que é grande a excitação entre os operários e que muitas familias abandonaram Barcelona.

Está imminente a declaração do estado de sitio.

Negociações com a Companhia Canadiense — Um operário apunhalado

BARCELONA, 25. — Começaram as negociações para solucionar a greve da Canadiense, tendo o conselho de administração começado a transigir. Um operário foi morto à punhalada por um desconhecido. Os operários dizem que, apesar da policia ter realizado a detenção de quasi todos os membros do comité da greve, tem nomeados cinco comités, que se irão sucedendo à medida que forem sendo encarcerados.

A maioria dos operários das docas retomou o trabalho.

Decisões dos ferroviários

MADRID, 25. — Segundo um telegrama de Salamanca os sindicatos dos ferroviários da linha portuguesa (?) resolveram comunicar ao pessoal da linha que não deve consentir que a companhia deixe de abonar a subvenção de guerra, assim como o aumento de salário e exija que se abone também o aumento de tarifas, de accordo com as escalas aprovadas no congresso ferroviário.

Greve geral em Valência?

MADRID, 25. — Telegrafam de Valência que as associações operárias declararão a greve geral em 10 de Março, devido a não ter sido resolvido o problema das subsistências.

Protestando contra a carestia da vida

MADRID, 26. — Em Granada mais de trezentas mulheres promoveram uma manifestação ao governador civil, a fim de protestarem contra a carestia da vida.

A questão do pão em Madrid

MADRID, 27. — Em virtude de os patrões não terem cumprido as promessas de aumento de salário, os padeiros ameaçam proclamar de novo a greve.

São suspensas as Cortes

MADRID, 27, às 16. — Logo no principio da sessão o conde de Romanones deu o decreto suspendendo as sessões das Cortes. — H.

Fabrica de Carratás da Amora

Encontra-se encerrada, deixando sem trabalho centenas de operários.

Da Associação dos Vidreiros da Amora recebemos um manifesto sobre o encerramento da fabrica do garrafão daquela localidade, em que se vbera o procedimento da Companhia que a explora, dizendo que esta adoptou essa medida porque «existia entre a mesma e os operários um contracto de trabalho, onde era garantido aos mesmos um minimo de 1500 horas no ano, assim como uma subvenção, devido à carestia da vida, contracto este que levou dois meses a harmonizar-se, e que subitamente nos foi arrancado no prazo de quarenta e oito horas, por meio dum aviso colocado no portão das fabricas, estabelecendo-nos um ordenado impossível de aceitar, porque nos reduzia a menos da terça parte do ordenado que auferíamos».

A companhia, para justificar o seu acto, alega que os operários não produzião o necessário, o que nêsses manifestos se contesta, attribuindo-se o facto de não ter a fabrica produzido os lucros que a Companhia desejava à forma como que é administrada.

O ministério da guerra e os operários

Acôrca da carta que ontem publicámos sobre o que se passa entre o ministério da guerra e os operários da construção civil que trabalham nas obras que dâste dependem, recebemos do sr. José Vieira de Oliveira, apontador das obras publicas, uma carta em que afirma que não foi ele quem mandou embora o pessoal, nos dias 14 e 15 de corrente, depois de assinar o ponto; por não ser isso das suas attribuições, limitando-se a comunicar ao encarregado geral o que se passava. Quanto ao pagamento desses dois dias, diz que, realmente, o encarregado geral se comprometeu a isso, mas com a condição de que os dias seriam descontados na semana seguinte, se superiormente não autorizassem esse pagamento.

Serviço de comboios do Sul e Sueste

O pessoal ferroviário empenha-se na sua normalização

Alguns funcionários superiores dos comboios de ferro do Sul e Sueste, em consequência dos seus nomes estarem incluídos numa lista que uma comissão de ferroviários daquellas linhas entregou ao governo, solicitando o seu afastamento dos respectivos serviços, deixaram de comparecer nas suas repartições, no propósito de embaraçar o serviço ferroviário e tornar responsável o pessoal pelos prejuizos ocasionados ao publico.

Com aquelles funcionários fizeram causa comum alguns, cujos nomes não constavam da referida lista. Perante essa atitude, o pessoal ferroviário resolveu, pela pessoa dos seus representantes, tomar as resoluções constantes da seguinte nota, que nos foi enviada:

«Ao conhecimento dos ferroviários do Sul e Sueste veiu que elementos superiores, por motivos desconhecidos, procuram alheiar-se da sua missão, não comparecendo ao serviço. E podendo tal propósito perturbar as funções de actividade da rede ferroviária do Sul e Sueste, desde que os respectivos dirigentes falem e providências se não tomem, e ainda porque assim tal alheamento pode ocasionar ataques do publico aos ferroviários, que estão, através de tudo, no seu labor e querem que a ordem pública e os interesses da administração sejam observados como convém, os signatários, reconhecidos de facto e, perante os ferroviários da referida linha, seus elementos de representação official, tomam sobre si o encargo de tomar as providências necessárias para que não haja conflito, cessem perturbações e o publico e a administração não sofram com atitudes de quem quer que seja.

Barreiro, 25 de Janeiro de 1918. Pela Associação de Classe, Jerónimo do Paiva, escriptorário; Pelo Comité Central da Greve, Luis Trindado, maquinista; Pela Comissão de Defesa, Alfredo de Carvalho, revisor de bilhetes; Manuel J. Pinto, operário das oficinas; Pela Comissão de afastamento de funcionários superiores, Miguel Correa, telegrafista; José Pereira Fernandes, maquinista; Manuel Martins Entrudo Júnior, chefe de estação.

Esta declaração revela a disposição em que os ferroviários se encontram, sabendo nós que todos estão animados do propósito de normalizarem o serviço duma forma tão completa que garanta a defesa dos interesses do publico.

Uma nota ofensiva da associação dos ferroviários

A Associação de Classe do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste enviou-nos ontem à noite esta nota officiosa:

«No intuito de se tomarem providências em benefício do publico e dos serviços ferroviários, constituiu-se uma comissão composta de delegados da Associação de Classe, da Comissão de Defesa, do Comité Central da ultima greve e da Comissão de Afastamento de outros elementos, que, ouvindo os inspectores de tracção, movimento e oficinas, conseguiram a afirmação de que podiam organizar-se os comboios de passageiros que anteriormente existiam para o Algarve e mais alguns comboios para o ramal de Setúbal, sem prejuizo do serviço de transporte de mercadorias.

Por tal motivo e tendo-se em atenção o abandono de serviço por parte dos chefes de serviço, esta comissão deu conhecimento preparatório da pretendida e assegurada normalidade dos comboios citados, superiormente, e convidou o pessoal ferroviário a reanudar hoje no Barreiro, para ultimar as suas resoluções, que serão transmitidas a quem de direito, a fim de que o publico reconheça que os seus interesses não são descurados pelos ferroviários».

Os acontecimentos do Vale de S. Tiago

Esteve na nossa redacção um camarada rural que nos confirmou o que, acôrca dos acontecimentos ocorridos no baixo Alentejo, durante o movimento geral de 1918, dissemos no nosso primeiro numero, acrescentando que o regedor da paróquia do Vale, no concelho de Odemira, disse, aos componentes de um dos grupos armados a que fizemos referência, que cabia a cada um cinco mulheres e meia, das que se encontravam sós, em virtude de captura dos seus commandantes.

Desmente, também, que os rurais tivessem cometido quaisquer violências, pois, pelo contrario, estes é que foram agredidos por varias vezes, ficando ferido com um tiro, duma delas, o rural António Monteirinho.

Chegada de tropas

Vindo de combater os monarchistas

Às 11 e 30 de ontem chegou a Santa Apolónia um comboio com infantaria 34, que foi alojado no quartel que foi de infantaria 1, e às 13 chegou outro comboio com o batalhão de infantaria 23, que fez parte da columna de Oliveira de Azeite, que combateu os monarchistas. Commandava este batalhão o capitão Miranda. Foi para o quartel das Janelas Verdes.

Crise de trabalho

Um crédito especial de 390.000

A folha official publicou ontem o seguinte decreto, abrindo um crédito especial da importância de 390.000\$000, a fim de fazer face, no corrente ano económico, a crise de trabalho produzida no país por efeito da guerra mundial.

Artigo 1.º — É aberto no ministério das finanças, a favor do ministério do trabalho, um crédito especial da importância de 390.000\$000 destinado ao pagamento das despesas abaixo descritas:

Salários de operários da construção civil, 100.000\$000; materiais para trabalhos em certos ministérios não haja verba para a sua aquisição, 80.000\$000; pessoal tipográfico de jornais suspensos e fazendo serviço na biblioteca publica, 3.000\$000; material tipográfico para o mesmo fim, 2.000\$000; trabalhos publicos do Estado em de auxilio aos municípios, 105.000\$000; salários a abonar ao pessoal da mina de S. Pedro da Cova na exploração da dita mina, 40.000\$000; total 390.000\$000.

Art. 2.º — A importância descrita no artigo anterior constituirá o capítulo 13.º «Crise de trabalho», artigo 52.º «Despesas de pessoal e material relativas a crise de trabalho», do orçamento das despesas extraordinárias do ministério do trabalho para o corrente ano económico, e a sua aplicação terá lugar com dispensa das formalidades legais da contabilidade publica.

Art. 3.º — A verba de 40.000\$000 destinada ao pessoal da mina de S. Pedro da Cova será abonada a título de adiantamento para despesas a efectuar pelo engenheiro delegado do ministério do trabalho, que assumiu, nos termos da lei, a direcção técnica e administrativa da referida mina, e será aplicada, quando restituída, a acudir à crise de trabalho em qualquer outra região do país.

Art. 4.º — Este decreto entra immediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.

Os cárceres da República

Escrevem-nos:

Presado redactor de «A Batalha» — Vai uma grande indignação nos arraiais republicanos por causa dos maus tratos que soffreram os presos políticos.

Em todos os tons e de todas as formas condemnamos os jornais essas selvagerias que, no dizer de uma gazeta, se emetiam daram na chamada república nova... que aliás já nasceu velha.

Achamos bem todos esses protestos, esquecendo mesmo nos nossos applausos certos órgãos de opinião — a maioria — que não protestaram contra outros maus tratos infligidos a presos por questões sociais, que, se bem não estivessem metodizados, nem por isso foram menos descuráveis e repulivos.

Reconhecemos que nunca, de facto, a instituição policial foi mais feroz na nossa terra que durante o período da reconciliação da familia portuguesa, inaugurada em 5 de Dezembro; não esqueçamos, porém, tudo quanto essa mesma instituição nos fez soffrer anteriormente, encorrendo-nos, depois da ferocemente maltratados, em imundos cárceres, que, não obstante serem hoje descriptos como as mais negras cores, classificando-os de impróprios para estudo de criaturas humanas, não supeçaram de nenhum jornalista, nem mesmo a justiça popular — que arrazoou o Eden, Bastilha do ocaso — o grito que por igual condenasse esses imundos cárceres que serviram ontem, servem hoje e hão de servir amanhã, contra todos os principios de humanidade.

Esses cárceres abjectos, essas casamatas tenebrosas, esses in-paces, esses esgredos — imundos, mantem-se como se fossem uma apoteose à justiça republicana, sem se pensar em os demolir, não obstante haver, tantos, sem-trabalho, que bem podiam ser utilizados em benefício dos cárceres policiaes, destruindo uns, entalhando outros para que não se continuasse a tratar homens pior que animais.

Vamos, senhores republicanos, sejam coerentes com as suas queixas: mandem arrazar os vossos cárceres policiaes, os piores de todos. De V. etc., A. M.

Uma selvajaria

Com justificada indignação vieram à nossa redacção dois operários das obras do Estado no convento de Santa Joana, protestar contra um facto ocorrido ontem ali e que nos relatam da seguinte forma:

Quando uma bicha de pobres mulheres aguardava à porta do estabelecimento da assistência 5 de Dezembro, ali instalado, que lhes recebessem requizerimentos para lhes serem entregues objectos empenhados, em harmonia com um convite feito há dias na imprensa, um tal sr. António Pereira, encarregado daquellas obras, pegando numa agulha — duma garra que fica ao lado e, apontando-a à multidão, fez cair sobre esta uma forte chuva, naturalmente com o fim de a dispersar.

Esta selvajaria mereceu das attingidas e de toda a gente que a presenciou indignados protestos. Mas acoute-se o tal sr. Pereira e não repita a proeza, ainda alguma das suas molhas lhe não traga como galardão — um enxugo.

Se queres deixar de depender dos patrões para comer e poderes viver, lê todos os dias «A BATALHA».

